

PENSAR DESIGN

João Coviello

Resenha do livro *Existe Design? Indagações filosóficas em três vozes*. Autores: Ivan Mizanzuk, Daniel B. Portugal e Marcos Beccari. Teresópolis: Ed. 2AB, 2013.

O título deste livro é uma pergunta filosófica. Ela é filosófica porque é polêmica e discutível (no sentido de que se pode discutir). E, por ser filosófica, ela é aberta. Quero dizer: aberta ao pensamento (e não apenas ao conhecimento). Todos que estão no percurso do design podem algum dia topar com esta pergunta, mesmo que seja difícil de respondê-la. O subtítulo não só explica o objetivo dos autores, como também define uma postura, uma atitude, uma posição, já que uma indagação em três vozes dá a entender que esta pergunta não deve permanecer apenas no âmbito privado. Sendo assim, filosofar pressupõe uma interação com uma ou mais pessoas. Filosofar é dar lugar ao nosso pensamento, e, principalmente, é dar lugar ao pensamento do outro. Nada melhor, portanto, que uma conversa entre três pessoas para dar lugar ao pensamento do(s) outro(s). Por isto, o formato deste livro é seu maior trunfo. Ele inaugurou a série *Filosofia do Design*, da Editora 2AB. É uma ação inédita, que visa, como disse Mizanzuk na Introdução, “iniciar um diálogo entre o ‘fazer’ e o ‘pensar’ design” (p.11). Voltamos, então, para a palavra diálogo, cujo prefixo deriva da preposição grega *diá* que indica um movimento. *Logos*, sabemos, tem o sentido de razão, mas o primeiro sentido, para os gregos, foi de *fala, linguagem, discurso*. Podemos, então, definir diálogo como uma fala em movimento. Ora, a fala é a expressão do pensamento; portanto, diálogo é o pensamento em movimento. Eis o núcleo conceitual deste livro.

Este livro foi concebido como um diálogo entre três profissionais com sólida formação humanística. Uso a palavra humanismo no sentido clássico do termo, ou seja, como valorização das ações humanas. Lembro a intenção dos autores de unir *pensar e fazer*. Ivan Mizanzuk, Daniel B. Portugal e Marcos Beccari respondem quatro perguntas: *Existe design?*, *Design é útil?*, *Design é bom?* e *Afinal, o que é design?*. Estas quatro perguntas renderam doze ensaios que podem orientar profissionais que querem, antes de tudo, entender seu ofício como conjunto de ações que está entrelaçado com o próprio mundo. Tudo isto, porém, não nasceu do nada. Os três autores trabalham

em Universidades e perceberam que o design é uma área fértil de reflexão: Mizanuk criou o podcast *AntiCast*, Beccari iniciou o blog *Filosofia do Design* e Portugal iniciou o blog *Forma Elementar*. Filosofia do Design é uma disciplina que surgiu no final da década de 90 na revista *Design Studies*, com o objetivo de ser um território de reflexão sobre o design. No entanto, os autores reconhecem que essa iniciativa não atendeu as expectativas, “já que acabou por focar-se mais em uma metateoria da pesquisa em design, fechando-se em si mesma, que no diálogo com a tradição filosófica ou com o pensamento humanístico de modo geral” (p.12). Uma das últimas frases deste livro talvez explique melhor o desejo dos autores: “Ideias que surgem somente no encontro com outras ideias” (p.127). Daí a união com a tradição filosófica, um encontro com Benjamin, Sócrates, Platão, os filósofos da linguagem, os utilitaristas, Weber, Lacan, Nietzsche, Heidegger, Aristóteles, Flusser, Deleuze e muitos outros. Daí a importância do diálogo. Talvez, por isto, a leitura deste livro despertou a memória deste resenhista. Num dos livros de filosofia mais usados em nossas escolas – *Convite à Filosofia*, de Marilena Chauí – há a solução de um problema da qual sempre tento dar conta. Ela responde a pergunta mais comum – o que é filosofia? – mas responde, também, a questão verdadeiramente de fundo quando a primeira pergunta é feita: filosofia para quê? É esta a pergunta real. A professora Chauí começa explicando que, se ao invés de perguntar “que dia é hoje?”, perguntássemos “o que é o tempo?”, tomaríamos uma grande decisão e estaríamos nos distanciando de nossa vida cotidiana e de nós mesmos e passaríamos a indagar nossos sentimentos, nossa existência. Essa história iria ainda mais longe, segundo Chauí (1999, p.12), e passaríamos a nos perguntar “por que cremos no que cremos, por que sentimos o que sentimos e o que são nossas crenças e nossos sentimentos”. A conclusão da professora é a seguinte: ao fazermos estas perguntas, estamos começando a adotar a *atitude filosófica*. Ela explica:

Assim, uma primeira resposta à pergunta “O que é Filosofia?” poderia ser: A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido (1999, p.12).

Assim, filosofia não é apenas um conjunto de conhecimentos, mas uma atitude, uma postura ou um posicionamento perante as coisas do mundo (nossa vida, nossas crenças, nosso trabalho etc.). Vejam que eu disse que este era o núcleo conceitual do

livro de Mizanzuk, Portugal e Beccari. É como se eles dissessem que é preciso disposição para ver as coisas de outro jeito. A professora Chauí diz a mesma coisa.

Curiosamente, temos duas características opostas neste caso. Primeiramente a atitude filosófica é negativa, pois diz *não* ao senso comum e a todo tipo de pré-juízo, principalmente ao que mais ouvimos: “é assim que todo mundo diz e pensa”. Entretanto, explica Chauí, a atitude filosófica também é positiva, pois é “uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos” (idem). Estas duas faces (negativa e positiva) da atitude filosófica constituem a *atitude crítica* e o *pensamento crítico*. Todo este preâmbulo serve para a introdução de uma definição que a autora considera mais adequada para a pergunta “O que é Filosofia?”. Para Chauí, a definição mais completa é: fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas. Esta definição inclui as palavras fundamento (alicerce para uma construção sólida), teoria (derivada do grego, significa contemplação ou contemplar uma verdade) e crítica (também derivada do grego, significa capacidade para julgar, discernir e decidir). Ou seja, a atitude filosófica exige análise, reflexão e crítica das nossas ações.

Espero que toda esta discussão sobre o que é e para quê serve a filosofia estimulem a leitura do livro resenhado. Afinal, o design é um conhecimento e uma prática. Com fundamentação teórica e crítica, o designer pode compreender-se e compreender os valores, as ideias e os princípios de suas ações. Mais que chegar ao resultado de um saber, esses três professores querem mostrar o *movimento da reflexão* e lutar contra o mais poderoso inimigo: “o excesso de repostas prontas no design” (p.127). Já que o livro se encerra com a palavra *reflexão*, será útil uma pequena análise sobre ela. Reflexão é o movimento de voltar o pensamento para nós mesmos. Talvez seja um dos nossos atos mais potentes, pois é o momento em que começamos a indagar por que pensamos do jeito que pensamos. Isso não é pouco e exige um esforço e tanto. Os três autores de *Existe Design?* já começaram esse movimento ao negar as respostas prontas e sugerir que tenhamos sempre uma atitude filosófica em nossa relação com o mundo.

...

Algumas observações sobre os livros citados nesta resenha: há uma edição eletrônica de *Existe Design?* na loja virtual Amazon. É uma edição mais em conta do

que o volume impresso. O meu exemplar do livro *Convite à Filosofia* é de 1999 e já estava na 12ª edição. Foi editado pela Editora Ática. É facilmente encontrado em Bibliotecas. Considero a melhor introdução ao mundo da filosofia. Os temas discutidos aqui são do primeiro capítulo. Uso com frequência esse capítulo em aulas, palestras e conversas, quando preciso dissertar sobre o que é filosofia. Há um pequeno livro, com preço bem menor, lançado pela Professora Chauí com o resumo desse capítulo. Ele foi lançado como obra à parte e se chama *Boas Vindas à Filosofia*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010. Faz parte da coleção de livros de bolso *Filosofias: o prazer de pensar*. Para explicar a origem de algumas palavras usei o livro *Vocabulário Grego da Filosofia*, de Ivam Gobry. Tradução de Ivone C. Benedetti. Revisão Técnica de Jacira de Freitas. Caracteres gregos e transliteração do grego de Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2007.

João Coviello é artista plástico e ensaísta, especialista em História da Arte pela PUC-PR e Mestre em Filosofia pela PUC-PR.